

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS E A DEMANDA DO MERCADO NA “ERA DA ECONOMIA EM REDE”

Audry Rose M Ávalos Ibragimova
Gabriel Barbosa da Silva
Luan Pedro Teixeira de Araújo

Submetido em: 25.05. 2020¹

Aceito em: 26.05.2020

Resumo

A Gestão da Informação emerge na “Era da Economia em Rede” como alternativa para garantir a sobrevivência e competitividade das organizações. Viabiliza às mesmas lidar estrategicamente com a informação, tornando-as capazes de inovar organizacionalmente, produtivamente e tecnologicamente. Configura-se como área interdisciplinar dentro da Ciência Contemporânea, o que por sua vez, acaba por gerar diferentes visões e interpretações quanto ao conjunto básico de disciplinas que a compõe. Diante dessa abordagem, o artigo tem como objetivo geral compreender os perfis profissionais e curriculares dos cursos de graduação em Gestão da Informação das Instituições Federais de Ensino Superior e como, objetivo específico, identificar as similaridades e diferenças disciplinares dos Projetos Pedagógicos de tais instituições. Indica o método indutivo, através de uma pesquisa exploratória que se utiliza de uma pesquisa documental como principal procedimento de coleta de dados. Utilizou-se a MAXQDA Analytics como software para a análise qualitativa e quantitativa de dados e informações. Com os dados estruturados, foi feita uma verificação para buscar possíveis erros de formatação e digitação, eliminando as *stopwords* e os sintagmas nominais de cada disciplina pelo software OGMA. Os resultados obtidos com a pesquisa contribuem para o debate teórico acerca de uma proposta para uma Diretriz Curricular Nacional de Gestão da Informação, como também para a reforma curricular do curso da Universidade Federal de Pernambuco.

Palavras-Chaves: Gestão da Informação. Estrutura Curricular. Demanda do Mercado.

A COMPARATIVE ANALYSIS OF GRADUATION COURSES IN INFORMATION MANAGEMENT OF FEDERAL INSTITUTIONS AND THE MARKET'S DEMAND IN THE “ERA OF THE NETWORK ECONOMY”

Abstract

Information Management emerges in the "Age of Networked Economy" as an alternative to guarantee the survival and competitiveness of organisations. It enables them to deal strategically with information, making them able to innovate organizationally, productively and technologically. It is configured as an interdisciplinary area within Contemporary Science, which in turn, may generate different visions and interpretations as to the basic set of disciplines that compose it. Faced with this approach, the article has as general objective to understand the professional and curricular profiles of undergraduate courses in Information Management of

¹ Artigo selecionado no IX Encontro de Estudos sobre Ciência, Tecnologia e Gestão da Informação (Enegi)

Federal Institutions of Higher Education; and as for the specific objective identify the curricular similarities and disciplinary differences of the Pedagogical Projects of such institutions. This research indicates the inductive method through an exploratory research that uses a documentary survey as the main data collection procedure. It also utilizes the MAXQDA Analytics as a software to conduct the qualitative and quantitative analysis of data and information. Once the data was structured, a spot-checking was made to reveal possible errors of formatting and typing, eliminating the stopwords and nominal syntaxes of each course by OGM software. The results obtained with the research contribute to the theoretical debate for a proposal for a National Curriculum Guideline on Information Management, it also contributes to the curricular reform of the course of the Federal University of Pernambuco.

Keywords: Information Management. Curricular Structure. Market Demand.

1 INTRODUÇÃO

A produção, difusão e consumo da informação transitam hoje numa sociedade que se convencionou chamar de “Sociedade em Rede” e que possui como característica a completa dependência de um sistema tecnológico enraizado na microeletrônica, nos computadores e na semiótica. Esse novo contexto “permite acelerar a geração, o armazenamento, a veiculação, o processamento e a reprodução da informação” (FELL; ALCOFORADO; VOCHT, 2005, p.1), permitindo à “Sociedade em Rede” uma cultura baseada na comunicação digital que representa a “coluna vertebral” dessa nova configuração social, tal qual “as redes de potência (ou redes energéticas) eram as infraestruturas sobre as quais a sociedade industrial foi construída” (CARDOSO; CASTELLS, 2005, p.17).

Passa-se a compreender o mundo como uma constituição simultânea de redes interligadas que possuem a informação como a base desse novo sistema de valores e crenças. Configurando-se num sistema completamente distinto às anteriores sociedades industrial e agrícola, representado pelo “desencadeamento de uma capacidade produtiva jamais vista, mediante o poder da mente” (CASTELLS *apud* BRÍGIDA *et al.*, 2014, p.3).

Os avanços tecnológicos que adviram pós Segunda Guerra Mundial propiciaram a dinamização dos fluxos informacionais econômicos, sociais, culturais, linguísticos e políticos, reconfigurando as técnicas de produção e, conseqüentemente, fazendo com que as organizações fossem estimuladas a inovar constantemente para se diferenciarem frente aos seus concorrentes. Essa é a lógica do consumo na “Era da Economia em Rede”, onde produtos e serviços são criados e consumidos através da internet. É uma economia completamente instável, que muda aceleradamente e que “depende, em última instância, da inovação tecnológica, da introdução e difusão de novas invenções geradoras de mudanças estruturais” (AMORIM; FREDERICO, 2009, p.76).

Entretanto, a inovação organizacional está profundamente ligada ao comprometimento das competências do capital humano (PAROLIN; ALBUQUERQUE). São as pessoas que num processo intrínseco geram novas ideias e as transformam em algo novo. Para tanto, o ambiente, embora não seja determinante, mas influenciador, deve ser propício à criatividade, favorecendo o constante estímulo de construção e compartilhamento do conhecimento, de modo a torná-lo um ativo organizacional, permitindo mudanças e melhorias contínuas em seus produtos, serviços, rotinas, políticas e ferramentas de apoio à gestão.

“Nesse sentido, as organizações através de seus gestores precisam ser capazes de criar e sustentar um ambiente interno coeso, sinérgico, onde o fluxo das informações seja claro, contínuo e universal” (AMORIM, 2016). É dentro deste cenário, que emerge a Gestão da Informação como alternativa para garantir a sobrevivência e competitividade das organizações, permitindo às mesmas lidarem estrategicamente com a informação.

Lidar estrategicamente pressupõe levar em conta todas as variáveis e cenários relevantes ao contexto informacional, dentre elas: os usuários, o mercado, as leis, os impostos e todas as decisões que direta ou indiretamente influenciam à tomada de decisão. Ou seja, é uma sequência de decisões em cadeia, onde o resultado final assume interdependência com todos os fatores informacionais.

Dentre os mais diversos cenários que compõem a atual conjuntura histórica, encontra-se o cenário trabalhista, que envolve a questão do emprego, das competências profissionais e das estratégias que a força de trabalho deve assumir para compor a Quarta Revolução Industrial, destacando-se desse contexto a problemática da “formação profissional face ao processo de reestruturação produtiva do capitalismo global” (CATANI; OLIVEIRA; DOURADO, 2001, p.68).

Diante do exposto, e levando em consideração que as universidades assumem papel importante na geração do conhecimento e formação do profissional que adentra o mercado, cabe descobrir quais variáveis têm sido consideradas para a construção das Políticas Pedagógicas dos Cursos de Gestão da Informação das Instituições Federais. Entendendo-se que é o Gestor da Informação, o profissional responsável por gerenciar e apoiar a tomada de decisão nas organizações, e que, portanto, deve ser capaz de gerenciar estrategicamente grandes volumes de dados, uma vez que o mundo está soterrado por dados, armazenados em bases, que quando cruzados assumem respostas às mais diversas indagações.

Segundo estudos de Reinsel; Gantz (2017, p.1), o volume informacional que a humanidade produzirá nos próximos anos crescerá em até 50 vezes entre os anos de 2010 e

2020 e totalizará um crescimento de até 300 vezes se considerado os anos de 2005 a 2020, saindo de 130 exabytes para aproximadamente 40 zetabytes. Outro relatório ainda mais recente prediz que o crescimento informacional sairá de 33 zetabytes em 2018 para atingir 175 zetabytes em 2025 (REINSEL; GANTZ; RYDNING, 2018, p.3). “Só para termos uma ideia do que isso significa, um exabyte é o equivalente a todo o conteúdo da Biblioteca do Congresso Norte Americano, considerado o mais completo do mundo” (PROJETO PEDAGÓGICO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO – UFU, 2013, p.7).

Trata-se, portanto, de um contexto informacional diferente dos anteriores, implementado com sistemas informacionais, com foco aos processos, e a interação desses com o universo dos dados, que precisam ser tratados, agregados, geridos e disponibilizados na forma de conhecimento para gerar estratégias de negócio, monitorização e tomada de decisão (CORDEIRO; CASSIANO, 2008, p. 207).

Nesse contexto, o presente artigo busca responder algumas questões que surgem diante da abordagem “mercado e informação”, dentre elas, o de descobrir qual o perfil profissional que o mercado demanda na chamada “Era da Economia em Rede” e que diferenças há no perfil profissional que está sendo formado nas Faculdades de Gestão da Informação das Instituições Federais. Para tanto, será necessário fazer uma análise comparativa da estrutura curricular de tais cursos e verificar as similaridades e diferenças disciplinares que existem entre elas, de modo que os resultados coletados contribuirão para o debate teórico, fornecendo subsídios e dados que visem a adequação dos Projetos Pedagógicos às necessidades do mercado, em prol de uma reforma curricular mais flexível, dinâmica e que priorize o cultivo à criatividade e à “interdisciplinaridade, compreendendo que o progresso do conhecimento não se dá apenas pela especialização, mas também de um processo que exige um olhar transversal, capaz de cruzar diferentes linguagens e áreas do conhecimento” (IBRAGIMOVA *et al.*, 2018, p.231).

2 AS TRANSFORMAÇÕES DECORRENTES DA ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL

A mutabilidade com que todas as coisas estão ameaçadas torna esse mundo, um mundo de incertezas. O tempo e o espaço assumem novos conceitos dentro desse novo sistema global, estruturando um capitalismo tardio², cujas características incluem profundas mudanças nos

² Cabe mencionar que para Harvey, o período denominado capitalismo tardio, não rompe com as regras de acumulação capitalista e, por isso, não são sinais de uma sociedade pós-capitalista, pós-industrial ou pós-moderna. E, embora o período fosse marcado por profundas mudanças, essas mudanças seriam apenas aparentes, pois as bases de tal modelo econômico ainda seriam as mesmas do capitalismo clássico, ou seja, o lucro.

modelos de negócio.

O estágio multidimensional com que as novas formas organizacionais se expandem por todo o globo, é parte das alterações perceptíveis de um modelo econômico inteiramente novo, denominado acumulação flexível. Para Harvey (1992, p.137), esse modelo é decorrente da crise do sistema fordista de produção em massa, que tinha como característica, um modelo rígido de acumulação de lucro, com forte intervenção estatal e que acabaria por culminar na crise fiscal e de legitimação que levaria à falência técnica a cidade de Nova Iorque em 1975. Esse período de recessão, pós 1975, obrigou as corporações a entrarem num período de racionalização, reestruturação e controle da força de trabalho, onde [...]

A mudança tecnológica, a automação, a busca de novas linhas de produto e nichos de mercado, a dispersão geográfica para zonas de controle do trabalho mais fácil, as fusões e medidas para acelerar o tempo de giro do capital passaram ao primeiro plano das estratégias corporativas de sobrevivência em condições gerais de deflação (HARVEY, 1992, p.139-140).

Esse contexto também é descrito por Mandel *apud* Silva (2012, p.17) como um período marcado pela expansão do processo de acumulação, denominado como neocapitalismo, e que possui como características: aceleração da inovação tecnológica, economia marcada por guerra permanente e revolução colonial em expansão, fazendo com que o centro de gravidade dos superlucros se descolasse dos países coloniais para os países imperialistas.

Processos de trabalho, mercados e padrões de consumo, foram completamente reestruturados, estreitando os horizontes temporais da tomada de decisão e fazendo emergir novos setores de serviços que implicaram em níveis relativamente altos de desemprego estrutural³, com rápida destruição e construção de novas habilidades profissionais [...], vindo a ocorrer “o retrocesso do poder sindical – uma das colunas políticas do regime fordista” (HARVEY, 1992, p.141). A radical transformação que sofreu o cenário trabalhista configurou novos regimes trabalhistas com contratos de trabalho mais flexíveis, por exemplo, a adoção do trabalho em tempo parcial, temporário ou terceirizado.

Entretanto, todas as transformações culturais, políticas e econômicas que ocorreram pós a crise fordista, são apenas novas maneiras de experimentar o “tempo-espaço” do capitalismo tardio, e não significaria que o mesmo estivesse se desorganizando, pelo contrário, estaria se organizando através da dispersão, da mobilidade geográfica e das respostas flexíveis nos mercados de trabalho, permitindo uma reestruturação nos processos de trabalho e mercados de consumo, tudo isso acompanhado por pesadas doses de inovação tecnológica, de produto e

³ Ocorre quando o número de desempregados é maior que o número de ofertas que o mercado quer contratar.

institucional (HARVEY, 1992, p.150-151).

Cabe salientar que as organizações que conseguiram se adequar ao novo contexto econômico, se tornaram mais coesas e disruptivas por dois desenvolvimentos em paralelo que permitiram às mesmas maior facilidade do acesso e controle da informação, que então passou a ser considerada mercadoria valiosa: o primeiro foi o surgimento de consultorias e agências especializadas em fornecer informações minuto a minuto; e o segundo foi o desenvolvimento do chamado “mercado da lucratividade do acesso privilegiado”, onde o conhecimento científico e técnico passou a ser monetizado (HARVEY, 1992, p.151). A capacidade de acesso às informações precisas e atualizadas, aliada à capacidade de análise instantânea de dados, tornaram-se essenciais na luta competitiva.

Embora todas essas transformações já anunciassem uma nova era informacional, outras questões emergiram desse cenário, implicando em novas formas de organização do trabalho, e que consequentemente interferiram em novas formas de exigências quanto ao perfil e competências profissionais.

Na ótica do mercado, onde educação e empregabilidade são articulados, prevalece o entendimento de que os novos perfis profissionais e os modelos de formação exigidos “no paradigma de produção capitalista podem ser expressos, resumidamente, em dois aspectos: polivalência e flexibilidade profissionais” (CATANI; OLIVEIRA; DOURADO, 2001, p.6).

Já na concepção de Siqueira (2008, p.7), a nova organização do trabalho, dá ênfase a corresponsabilidade entre gerentes e trabalhadores, valorizando a comunicação e que, portanto, passa a exigir habilidades para: analisar, interpretar, criar, tomar iniciativas e decisões, corrigir instruções, trabalhar em equipe e aprender constantemente.

Corroborando também com esse pensamento, Cezar (2010, p.1) postula que o mercado passou a exigir dos profissionais uma postura voltada para quatro ângulos: *empreendedora*; *competente e hábil* para atuar de modo eficiente e eficaz na aplicação de técnicas e conhecimentos; *compromissada* às metas organizacionais; e *visão global* para a prudente tomada de decisões.

Além das habilidades acima mencionadas, inclui-se também as habilidades cognitivas e de competências sociais requeridas nas novas profissões da Indústria 4.0, que envolveriam habilidades de interação humana e liderança. Mas, repensar o perfil profissional frente às novas demandas que emergem do contexto da “Sociedade em Rede”, inclui também repensar as instituições formadoras, tais como os sindicatos, as escolas, as universidades e empresas, interferindo diretamente nas reformas curriculares de educação formal e não- formal (CATANI,

OLIVEIRA, DOURADO, 2001, p.7).

Consubstanciando-se em diferentes ações políticas, também prevalece a ideia de flexibilização curricular para a educação superior, e onde os princípios orientadores para as mudanças curriculares dos cursos de graduação devem estar pautados na dinamicidade do currículo e adaptação às demandas do mercado de trabalho; oferecendo ao indivíduo a educação continuada, integrando a graduação e pós-graduação; desenvolvendo competências e habilidades multidisciplinares.

3 A GESTÃO DA INFORMAÇÃO COMO SUBSÍDIO ÀS ORGANIZAÇÕES DISRUPTIVAS

Há poucos estudos que abordam o nascimento da prática da Gestão da Informação, entretanto, conforme Gonçalves (2011, p.6), dois argumentos nos levam a crer que a origem da prática da Gestão da Informação anteceda a segunda metade do século XX. O primeiro refere-se ao fato de que os modos de produção sempre se valeram da informação em suas práticas; e o segundo, o de que as bibliotecas especializadas e particulares já se valiam do arranjo organizacional informacional antes mesmo do século XX.

Entretanto, a Gestão da Informação não se limita apenas à organização da informação, ela vai além, ela lida também com a informação não-estruturada. O que em outras palavras, é definido por Davenport (1998, p.173), como Gerenciamento da Informação, e que seria “um conjunto estruturado de atividades que inclui o modo como as empresas obtêm, distribuem e usam a informação e o conhecimento” para serem competitivas no mercado.

Pinheiro; Loureiro (1995, p.11), apontam que o primeiro curso de Ciência da Informação, foi introduzido no Brasil em 1970, por meio do curso de mestrado, instituído pelo então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação - IBBD, atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT. O curso tinha mandato acadêmico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e contava com a participação de professores estrangeiros como: Frederick Wilfrid Lancaster, Tefko Saracevic, LaVahn Marie Overmyer, Bert Roy Boyce, Jack Mills, John Joseph Eyre, Ingetraut Dahlberg e Suman Datta.

Ao se implantar a primeira pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, tornou-se claro que havia uma preocupação com a formação de profissionais em lidarem com o grande volume de produção de informação científica e tecnológica surgida do período pós-guerra, ou seja, as práticas bibliográficas e documentais que até então existiam se mostravam insuficientes

para uma comunidade científica em contínuo processo de crescimento.

Com o surgimento do Doutorado em Ciência da Informação em 1992, novos profissionais foram surgindo e elaborando novas propostas epistemológicas e metodológicas para a área, contribuindo posteriormente para os diversos cursos de graduação que atualmente compõem a área da Ciência da Informação, refletindo, portanto, o dinamismo da área.

Enquanto área de pesquisa e de mercado, a Gestão da Informação vem se tornando cada vez mais clara e necessária sob os mais variados aspectos já explanados nos tópicos anteriores. As contribuições e os avanços científicos da área demonstram a interdisciplinaridade com áreas como a Administração, Ciência da Informação, Ciência da Computação, além de outras, permitindo a concepção de metodologias, estratégias e processos voltados a fomentar a inovação e o melhor uso da informação (CORDEIRO; CASSIANO, 2018, p.205).

Entretanto, a mesma característica com que a faz interdisciplinar acaba por gerar diferentes visões e interpretações no que se refere ao conjunto básico de disciplinas que a compõe, como pode ser observado nos Projetos Pedagógicos dos cursos de Gestão da Informação no Brasil, em especial o das faculdades públicas, delimitação de estudo do presente artigo e que será abordado no tópico 5.

3.1 FORMAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

Atualmente, há 5 (cinco) Instituições Federais de Ensino Superior que oferecem o curso de Gestão da Informação na modalidade Bacharelado, sendo estas: Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que denomina o curso como Ciência da Informação, conforme dados divulgados no portal do e-MEC, e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

“Tais cursos apresentam características e particularidades que resultam na formação de profissionais com competências e habilidades distintas. Tal observação corrobora com a dificuldade de definição da gestão da informação em uma área de conhecimento especializada” (CORDEIRO, CASSIANO, 2018, p.208).

O primeiro curso de graduação em Gestão da Informação criado em uma universidade pública foi implantado pela Universidade Federal do Paraná em 1999. Possui um Currículo multidisciplinar e tem como princípios norteadores a aprendizagem e avaliação baseadas em competências e o espírito investigativo. Seu modelo didático-pedagógico integra conteúdos das

áreas de Ciência da Informação, Administração e Tecnologia da Informação, complementando a formação do aluno com disciplinas contextuais e instrumentais (Comunicação e Sociologia, Língua Portuguesa, Inglês, Espanhol, Informática, Estatística, Administração e Linguística).

Ao longo dos anos, o Currículo sofreu ajustes para atender às demandas do mercado de trabalho. Esses ajustes foram sendo implementados, na medida em que o Colegiado do Curso, em permanente acompanhamento e avaliação dos avanços das ciências e das tecnologias, percebia a necessidade.

Até 2009, o curso estava na área de Ciência da Informação. Porém, os alunos eram avaliados como curso de Biblioteconomia, para o qual não estavam sendo preparados. Por duas avaliações consecutivas, os alunos resistiram e alguns se negaram a realizar as provas. Decidiu-se, então, solicitar a mudança para a Área de Administração (PROJETO PEDAGÓGICO, 2013, p. 21).

Em 2009 é fundado o curso de Gestão da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), justificando a implantação do mesmo às transformações ocorridas no nordeste brasileiro advindos da inserção da automação e da computação que refletiram mudanças nos segmentos terciários e secundários da economia regional, consolidando uma tendência de negócios para a região que se firmaria com a refinaria de petróleo, o estaleiro, e a indústria petroquímica, que conseqüentemente criaria novas oportunidades de emprego, atraindo investimentos e gerando uma demanda elevada por profissionais qualificados em múltiplas especialidades (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO – UFPE, 2012, p.7).

Possui um currículo aberto que reflete a dinamicidade da área em constante mutação, e também menciona que até o presente momento não há uma Diretriz Curricular Específica, registrada pelo Conselho Nacional de Educação – CNE, que defina a base curricular mínima para os cursos de Gestão da Informação no Brasil, no entanto, o projeto pedagógico adota uma estratégia que visa formar profissionais “de ação genérica, com atuação centrada na organização e uso da informação registrada em suportes de variada natureza” (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO – UFPE, 2012, p.19).

Tal modelo didático-pedagógico adotado, divide as disciplinas em dois ciclos de aprendizagem: o *Ciclo Básico*, que compreende os dois primeiros semestres, compostos por disciplinas que configuram as bases teóricas e fundamentais da Gestão da Informação; e o *Ciclo Profissional*, composto por atividades de construção, comunicação e uso da informação (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO – UFPE, 2012,

p.21). Até o presente momento não houve um ajuste na estrutura curricular do curso, no entanto, estudos têm sido realizados para fomentar a constante adaptação e readequação às demandas do mercado.

Em 2010 é implantada a faculdade de Gestão da Informação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, tendo seu Projeto Pedagógico inspirado-se nas principais instituições e universidades do mundo que já ofereciam naquele momento a formação em gestão da informação, tais como a “*MIT Sloan School of Management*, a *McCombs School of Management da University of Texas at Austin*, a *University of Berkeley*, a *University of Phoenix*, a *Kaplan University*, a *UC University of Santa Cruz*, a *University of Arizona* e a *Syracuse University*, entre outras”. Pensou-se em dotar o curso com os parâmetros e premissas internacionais (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO – UFU, 2009, p.7).

O curso adotou o princípio de que seu sucesso e permanência estariam continuamente colocados à prova pelo sucesso dos alunos que a mesma formaria, ou seja, se o curso não fosse capaz de formar alunos que realmente gerassem valor à sociedade, isto ficaria evidente e a demanda pelo curso iria arrefecer. Desse modo, o curso oferece uma forte base quantitativa com conhecimento em computação.

Adota um modelo didático-pedagógico que divide as disciplinas de sua estrutura curricular nos seguintes eixos: *Eixos quantitativo e Tecnológico*, compostos por disciplinas que contemplam uma sólida base em cálculo e em tratamento de dados, ladeadas por um conhecimento de lógica e de álgebra linear; *Eixos Administrativo e Empreendedorismo*, composto pelas disciplinas fundamentais das quatro áreas de administração (Marketing, Finanças, Produção e Operações e Organizações e Recursos Humanos). Tal modelo, visa formar profissionais que “sejam capazes de entender como podem trabalhar com dados para transformá-los em informação útil [...]” (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO – UFU, 2009, p.16).

No mesmo ano, também é implantado o curso de Gestão da Informação da Universidade Federal de Goiás – UFG, que possui como princípios norteadores para a construção do perfil profissional, as transformações ocorridas no contexto organizacional, caracterizado por um “intenso fluxo informacional potencializado pelas tecnologias de informação e comunicação” (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO – UFG, 2013, p.13).

Possui um modelo didático-pedagógico interdisciplinar entre as áreas da Ciência da

Informação, Administração, Comunicação e Informática, viabilizando a articulação entre a teoria e a prática através de seus Laboratórios de Tecnologias de Informação e de Mídias Sociais.

Alguns exemplos dessa interação podem ser vistos nos 4 (quatro) eixos disciplinares que compõem a sua estrutura curricular: o *Núcleo Administrativo*, composto por disciplinas como: Comportamento Organizacional, Competências Gerenciais, Comunicação Organizacional, Mercadologia, Gestão da Informação e do Conhecimento, Planejamento Estratégico da Informação, Inteligência Competitiva, Pesquisa em Gestão da Informação e Processo Decisório e Controle; o *Núcleo Usuário de Informação*, composto pelas disciplinas: Usos e Usuários da Informação, Comportamento Informacional, Competência Informacional, Design da Informação, Mídias Sociais, Laboratório de Mídias Sociais e Ética Empresarial; o *Núcleo Tecnológico*, composto pelas disciplinas: Introdução a Computação, Gerência de Sistemas de Informação, Gerência de Tecnologias de Informação, Banco de Dados, Segurança da Informação e Proteção do Conhecimento, Gestão de Projetos, Gestão de Documentos Digitais, Arquitetura da Informação, Sistemas de Informação e Apoio à Decisão, Sistemas de Informação, Mineração de Dados e Mapeamento de Fluxos Informacionais, e Visualização de Informações; e o *Núcleo Complementar*, composto pelas seguintes disciplinas: Introdução a Economia, Leitura e Produção Textual, Introdução à Ciência da Informação, Lógica, Economia da Informação e Inovação e Estatística (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO – UFG, 2013, p.17).

Em 2015 é implantado o Curso de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, que tem como premissa o fomento a uma cultura e educação empreendedoras, desenvolvendo no profissional da informação habilidades para acompanhar mudanças, autonomia, capacidade de inovação e estabilidade para assumir riscos. Possui um modelo didático-pedagógico de caráter interdisciplinar com foco no empreendedorismo e na inovação (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO – UFSC, 2019, p.4).

A identidade do curso é uma resposta às constantes mudanças que a sociedade da informação está sujeita, e que a nível regional já configura 4000 empresas de base tecnológica, representando 3% do total brasileiro.

No que se refere à classificação profissional do Cientista da Informação, o **Catálogo Brasileiro de Ocupações** classifica-o como Analista de informações (pesquisador de informações de rede) com o código **2612-15**, diferenciando-o do Bibliotecário (2612-05) e do Documentalista (2612-10).

A organização curricular do curso está dividida em: *Núcleo Comum de Formação Geral* com caráter generalista e interdisciplinar com a participação dos departamentos de Ciências da Administração, História, Letras e Direito; e o *Núcleo de Formação Específica*, sendo composta por disciplinas de 2 subáreas da Ciência da Informação: Gestão Estratégica da Informação e Tecnologia da Informação, tais como: Prototipagem de Cenários Informacionais, Projeto e Implementação de Cenários *Web*, *Data Science*, Análise de Redes Sociais, Empreendedorismo e Gerenciamento de Projetos, Gestão da Inovação, Práticas em Inteligência Competitiva, Arquitetura da Informação e Usabilidade, Mineração de Texto, *Linked Data*, Bancos de Dados e Gestão de Mídias Sociais (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO – UFSC, 2019, p.31-32).

Através das análises feitas nos Projetos Pedagógicos dos cursos de Gestão da Informação das Instituições Federais, percebe-se que embora tenham a mesma raiz disciplinar entre a Biblioteconomia e a Arquivologia que as identificam dentro da Ciência da Informação, elas possuem diferenças na adoção de disciplinas que estruturam seus modelos didáticos-pedagógicos, refletindo a dinamicidade dos distintos perfis profissionais formados pelas mesmas, o que acaba dificultando o entendimento do mercado de trabalho quanto à profissão do Gestor da Informação, que por vezes acaba sendo confundido com o bibliotecário.

3.2 O PERFIL PROFISSIONAL DEMANDADO NA “ERA DA ECONOMIA EM REDE”

O contexto sócio-político-econômico na qual nossa sociedade está inserida, representa um modelo completamente distinto das sociedades que existiram antes. A informação torna-se o insumo gerador de mudanças em produtos e serviços consumidos em rede. Nesse sentido, todas as mudanças que reestruturaram os diversos fluxos informacionais, geraram novas profissões como também contribuíram para que outras desaparecessem.

O volume informacional, nunca deixou de ser produzido, continuamos vivenciando o “caos informacional”. Nesse contexto, como encontrar a informação precisa no meio de um volume cada dia maior de informação que circula nos mais diversos meios?

Inúmeras organizações buscam profissionais que sejam verdadeiros “cientistas de dados”, que sejam capazes de minerar dentre o imenso volume de informações, a “informação” que corresponda às necessidades das mesmas. Entende-se, portanto, que há uma demanda crescente por um profissional capaz de analisar a crescente demanda de informações, e é nesse contexto que se identifica o graduado em Gestão da Informação como o profissional apto a

exercer essa tarefa.

Fazendo um paralelo entre as competências que o curso de Gestão da Informação possui e as profissões que surgiram com a crescente demanda informacional e tecnológica, foi possível identificar as profissões e áreas que o profissional de Gestão da Informação pode atuar. Os próprios PPCs dos cursos mencionam algumas profissões nas quais o Gestor da Informação estaria apto para atuar, tais como os gerenciadores de conteúdo web, que seriam os profissionais especializados em manusear os conteúdos da “Google, do Yahoo, Wikipedia, iTunes, Youtube, dentre outros” (PROJETO PEDAGÓGICO - UFU, 2009).

Obteve-se também os seguintes resultados dos mercados de profissões que possuem uma atuação forte de Gestores da Informação de acordo com as características das atividades realizadas: Analista de Negócios, Analista de Inteligência Competitiva e Estratégica, Analista de Redes Sociais, Analista de Informações, Analista de Dados (*Data Analyst*), Analista de Mercado (*Business Analytics*), Analista de *Business Intelligence (BI Analyst)*, Analista de Marketing, Analista Financeiro, Analista de Crédito, Analista de Gestão de Pessoas (*People Analytics*), Analista de Operações (*Operations Analytics*), Analista em Visualização de Dados (*Data Visualization Analyst*), Auditor, Arquiteto de informação em *websites*, *Business Data Analyst*, Cientista de Dados (*Data Scientist*), Consultor, Consultor de Empresas, Empreendedor Empresarial e/ou Social, Gestor de Mídias Sociais, Gerente de Conteúdos, Gerente de Tecnologias de Informação, Gerente de Projetos (*Project Manager*).

Além das profissões mencionadas, existem outras que surgiram devido à expansão tecnológica nas organizações, resultado de uma robotização e automação cada vez mais acentuada. Essas novas profissões não possuem relação direta com a profissão do Gestor da informação, mas, como são potenciais produtores de dados (como relatórios, armazenamento de informações periódicas) pode-se incluir, nas atividades de tratamento de coleta, o gestor da informação, para que o mesmo possa moldar essas informações e fazê-las legíveis e aptas para serem utilizadas para fins diversos da organização.

No CADERNOS SENAI DE INOVAÇÃO, publicado pela FIRJAN (2016), há um relato sobre as inovações criadas na Indústria 4.0, que acaba atingindo o campo de atuação do Gestor da Informação: “A tecnologia da informação se torna parte integral dos processos industriais, e decisões são tomadas de forma automática a partir do uso de um grande conjunto de dados armazenados, chamado de *Big Data*”.

Nesse século as máquinas têm papel tão importante quanto humanos na produção dos insumos nas empresas. A empresa se torna cada vez mais interligada por sistemas e, decorrente

disso, através da internet, fica altamente conectada desde o seu chão de fábrica até a alta gerência, tendo como consequência a geração de quantidades cada vez maiores de dados.

Observando os postos de trabalho, onde o gestor da informação pode atuar, e avaliando o perfil curricular de cada instituição, é visível a necessidade de uma reestruturação curricular e uma base comum de disciplinas (ou competências e habilidades) a nível nacional (a exemplo de outros cursos, como o de Administração, que possui uma Diretriz Curricular Nacional definida de acordo com a Resolução nº 4, de 13 de julho de 2005), de modo a permitir que o gestor da informação seja capaz de atuar de norte a sul do Brasil. A não importância dada a esse fato gera o que já vemos atualmente no mercado de trabalho, onde as vagas para Cientista de dados estão sendo ocupadas por especialistas em estatística, ou os exemplos a seguir: vagas para Arquiteto de Dados ocupadas por engenheiros de software, Analista de Inteligência Competitiva e Estratégica (ocupada por Administradores e profissionais da área de Economia), Analista de informações (por Bacharéis em Biblioteconomia e Documentação), entre outros.

Essas vagas poderiam ser absorvidas e classificadas também como atividades compatíveis com o perfil do Gestor da Informação, e isso ainda não ocorre, pelo que pôde-se analisar tanto nos PPC's das faculdades analisadas, quanto pelos portais de profissões e cursos, ambos aqui analisados. Também é possível perceber que é muito "vago" o papel do "o que" exatamente o gestor de informação pode executar, e há poucos estudos científicos divulgados com os egressos que mapeie onde atuam esses profissionais. Esses eventos podem ter motivos diversos, dentre eles o fato do curso ainda ser recente, ou a não definição/separação das áreas que são de sua competência, ou a diferença notória de perfil curricular que cada curso de gestão da informação possui, exemplo disso é a grade curricular da UFPE, com a grande quantidade de suas disciplinas voltadas para a Ciência da Informação e a UFU com nenhuma.

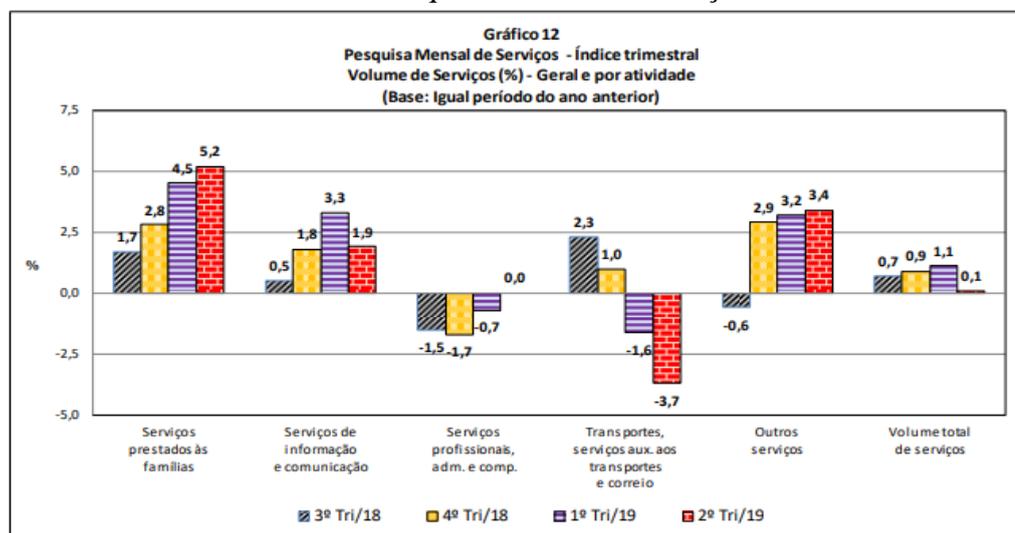
Esses fatos corroboram para entender o porquê do curso de Gestão da Informação necessitar uma normatização legal que estipule as bases disciplinares mínimas comuns. Não pensar nesse assunto é formar um profissional de Gestão da informação limitado a atuar apenas na região de sua formação, impossibilitando-o de atuar em diferentes cenários da economia onde a Gestão da Informação seja necessária.

3.3 A EVOLUÇÃO DO MERCADO DE TECNOLOGIA

Atualmente o mercado de serviços, onde se encontra os serviços de Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC vem ganhando grande destaque. Segundo dados do IBGE (2019), em sua avaliação mensal do mercado (Pesquisa Mensal de Serviços – PMS, Caderno nº

6 de 2019), correspondente ao período do 3º trimestre de 2018 até o 2º trimestre de 2019, o mercado se mantém em alta, perdendo apenas para serviços prestados à família, conforme mostrado no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Pesquisa Mensal de Serviços.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

Esse crescimento resulta em novos postos de trabalho (só em 2018, segundo a BRASSCOM, **foram abertos 42 mil novos postos de trabalho**), e por estar em um ritmo tão acelerado, esses postos não conseguem ser preenchidos por falta de profissional especializado, que cresce em ritmo mais lento. Só para se ter uma noção, segundo o “Relatório Setorial de TIC 2019” da BRASSCOM, hoje se formam em média 46 mil estudantes na área de Tecnologia da Informação e Comunicação por ano, em contrapartida a demanda do mercado necessita de, em média, 70 mil. Além disso, só agora em 2019, Santa Catarina e Recife estavam com, respectivamente, 700 e 900 vagas de emprego. Na cidade de Campinas (SP), a empresa CI&T, com o desafio do “*YouGLOBAL*”, pretende atrair até o final de 2019, mais 500 vagas, além das 2,5 mil já ocupadas.

O atual ranking dos estados brasileiros na indústria de tecnologia da informação, segundo a BRASSCOM7 aponta o Nordeste no 4º grupo (com os estados da Bahia, Ceará e Pernambuco) junto com o Estado de Goiás (Região Centro-Oeste), porém, a tendência é que esse mercado cresça.

Em 2018, Sergipe e Ceará receberam investimentos tanto da iniciativa pública (Governo do Estado) quanto da privada, onde parcerias com países e continentes estão sendo firmadas. Recife, por sua vez, mostra que sua evolução tecnológica não vem de agora, mas desde 1970 (chegando até a exportar mão de obra para o sudeste). Atualmente possui um grande potencial

para se tornar o “vale do silício” brasileiro, isso devido aos grandes avanços tanto em tecnologia quanto na quantidade de empresas de grande porte, incluindo multinacionais que nela já estão inseridas, e até de uma edição própria da “*Campus Party*”, se tornando, com esse complexo tecnológico chamado Porto Digital, um modelo de desenvolvimento regional.

Essas e outras informações sobre o mercado de trabalho em várias regiões do Brasil, justificam o porquê dos cursos de graduação precisarem estar atentos a essas mudanças que ocorrem a um ritmo cada vez mais acelerado. Os cursos precisam estar em harmonia com as competências que o mercado exige dos profissionais, conforme verificamos na **Figura 1** publicado pelo *McKinsey Global Institut*, nesse ano (*McKinsey & Company*, 2019) onde, em resumo, o que o mercado do futuro exigirá do profissional será habilidades e competências para lidar com mudanças de diferentes formas, sendo um profissional maleável, criativo, crítico, inovador, humano e comunicativo.

Figura 1- Habilidades e conhecimentos.



Fonte: McKinsey e Company (2019, p.27).

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

O método (indutivo) é mencionado, pois as informações curriculares dos cursos de Gestão da Informação das Instituições Federais no Brasil foram observadas e analisadas para identificar conclusões realmente concretas, com o objetivo de entender a complexidade de cada currículo dos cursos. Sendo assim, “de acordo com o raciocínio indutivo, a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmadores dessa realidade. Nesse método, parte-se da observação de fatos

ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer, seguindo-se de uma comparação entre esses fatos, com a finalidade de descobrir as relações existentes entre eles. Por fim, procede-se à generalização, com base na relação verificada entre os fatos ou fenômenos (GIL, 2008, p.10).

A respeito dos objetivos, o trabalho é uma pesquisa exploratória, pois é necessário explorar os perfis profissionais dos gestores de informação e as propostas pedagógicas curriculares (PPCs), para assim construir hipóteses relevantes e inovadoras para a área da Ciência da Informação. Tal corrente é confirmada por Gil (2008, p.27), que define a pesquisa exploratória quando se tem a finalidade de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis.

Diante do exposto, a pesquisa documental foi escolhida como procedimento técnico, pois o artigo se baseia nos Projetos Pedagógicos Curriculares de tais cursos, que são as fontes primárias da investigação e que passaram por uma estruturação e análise pelos componentes do grupo para formularem tal pesquisa. Sendo assim, a pesquisa documental assemelha-se à pesquisa bibliográfica, e [...] vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL, 2008, p.51).

A proposta do presente trabalho é analisar o perfil profissional e curricular dos cursos de graduação de Gestão da Informação do Brasil vinculados às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Com isso, a primeira etapa do trabalho foi realizada na disciplina de Tópicos em Gestão da Informação III, no semestre letivo 2019.1, onde foi realizada uma seleção de dados amostrais dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) de Gestão da Informação nas IFES das universidades: UFG, UFPE, UFPR e UFU, e do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Ciência da Informação na UFSC.

A segunda etapa valeu-se da comparação da estrutura curricular de tais cursos, visando identificar as similaridades e diferenças disciplinares. Para isso, foram utilizadas as ementas das disciplinas, obtidas através das páginas web dos cursos das respectivas IFES.

A partir disso, a estruturação dos currículos foi realizada no MAXQDA Analytics, um software para análise qualitativa e quantitativa de dados e informações. O objetivo foi organizar de forma rápida o nome das disciplinas, as ementas e a bibliografia básica e complementar de cada IFES. Com os dados estruturados, foi feita uma verificação para buscar possíveis erros de formatação e digitação, com a eliminação de *stopwords* pelo software OGMA e a extração de sintagmas nominais de cada disciplina. Posteriormente, esses dados estruturados voltaram para o MAXQDA para a análise de similaridade curricular de cada curso de GI. Como critério, a

equipe determinou que disciplinas similares devem ter no mínimo duas a três similitudes, e são as mesmas das colunas utilizadas para estruturar os dados, ou seja, nome da disciplina, ementa e bibliografia (básica e complementar).

É necessário mencionar que a pesquisa tem influência do artigo “**Um panorama do Ensino Superior em Gestão da Informação no Brasil**” de Cordeiro e Cassino (2018), que também analisa similaridades entre as disciplinas dos cursos e categoriza tais disciplinas em suas áreas de conhecimento, através de uma metodologia diferente da qual este trabalho se baseia. No entanto, informações como “disciplinas por área de conhecimento” foram mencionadas para embasar as discussões sobre a dinamicidade dos cursos de Gestão da Informação. A equipe do presente artigo, diferentemente de Cordeiro e Cassino, preferiu coletar e analisar toda a ementa, e todas as disciplinas que compõem a estrutura curricular de cada curso, tanto obrigatórias, quanto eletivas.

5 O DINAMISMO DOS CURSOS DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

Este tópico visa a importância do dinamismo e da flexibilidade no perfil de Gestão da Informação. Segundo Freitas e Simões (2014), o conceito de Gestão da Informação é por vezes plural, pois advém de uma área que une conceitos, naturalmente a Gestão e a Ciência da Informação, como também a Tecnologia da Informação (TI). Com isso, cabe ressaltar que este artigo compreende que cada IFES pode justificar e compreender a gestão da informação de forma diferente e regional, buscando a resolução de problemas sociais e de mercado específicos.

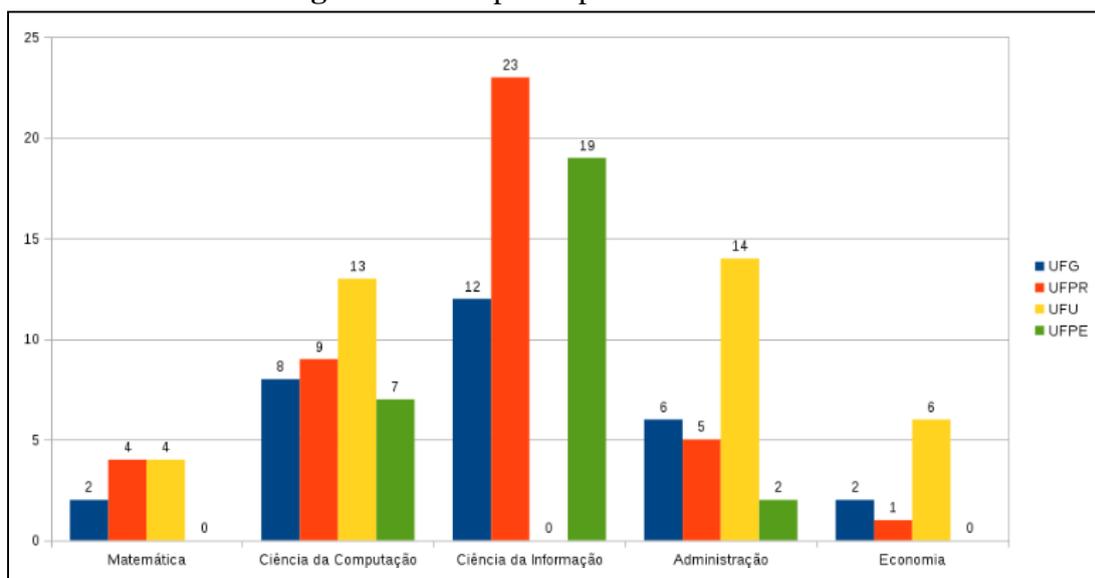
Outrossim, é perceptível que todos os cursos de GI nacionais apontam como competência do gestor da informação, o dinamismo com que o mesmo pode atuar profissionalmente, como também em seu currículo pedagógico, conforme demonstram as seguintes frases extraídas de seus PPGs: “Versatilidade e capacidade de adaptação a ambientes dinâmicos” (PPC-UFPE), “Adaptabilidade e a interdisciplinaridade” (PPC-UFG), “solucionar problemas de informação com flexibilidade e adaptabilidade” (PPC-UFPR) e “pretende que os alunos que nele se formam desenvolvam a capacidade de aprender a aprender, para absorver constantemente maneiras novas” (PPC-UFU). Tornando-se claro que a dinamicidade que acaba por diferenciar os cursos de GI no Brasil é um fator importante a ser mencionado, pois o identifica como um curso versátil e que atende aos diversos ambientes organizacionais.

Tabela 1 - Disciplinas Similares.

UFPE	UFPR	UFG	UFU
Bases de Dados Especializadas	Banco de Dados I	Banco de Dados	Banco de Dados
Gestão de Sistemas de Informação	Sistemas de Informação	Gerência de Sistemas de Informação	Sistemas de Informação Gerencial
Teoria Geral da Informação	Fundamentos de Ciência da Informação	Introdução à Ciência da Informação	Teoria Geral da Informação
Usabilidade e Arquitetura da Informação	Design da Informação	Arquitetura da Informação	
Fundamentos da Gestão da Informação	Introdução à Gestão da Informação	Gestão da Informação e do Conhecimento	
Gestão da Qualidade Total	Informação para Qualidade	Gestão de Projetos	
Gestão Documental	Gestão de Documentos	Gestão de Documentos Digitais	
Metodologia do Trabalho Científico	Metodologia da Pesquisa	Metodologia da Pesquisa Científica	
Análise de Decisão	Tecnologias para apoio à tomada de decisão	Sistemas de Informação e Decisão I e II	

A dinamicidade dos currículos é perceptível quando a análise de disciplinas similares é realizada, apesar de apenas 9 disciplinas exibirem essa similaridades, percebemos que três dos cursos (UFPE, UFPR e UFG) apresentam eixos de Administração, Tecnologia e Ciência da Informação ainda que no caso do PPC da UFPE não exista uma separação curricular por eixos, torna-se perceptível ao estudar seu PPC. Além disso, é preciso observar que “a UFU não possui disciplinas da área Ciência da Informação” (Cordeiro; Cassino 2018, p.212), mas também não oferece disciplinas de metodologia e apoio à decisão.

Figura 2 - Disciplinas por Área de Conhecimento.

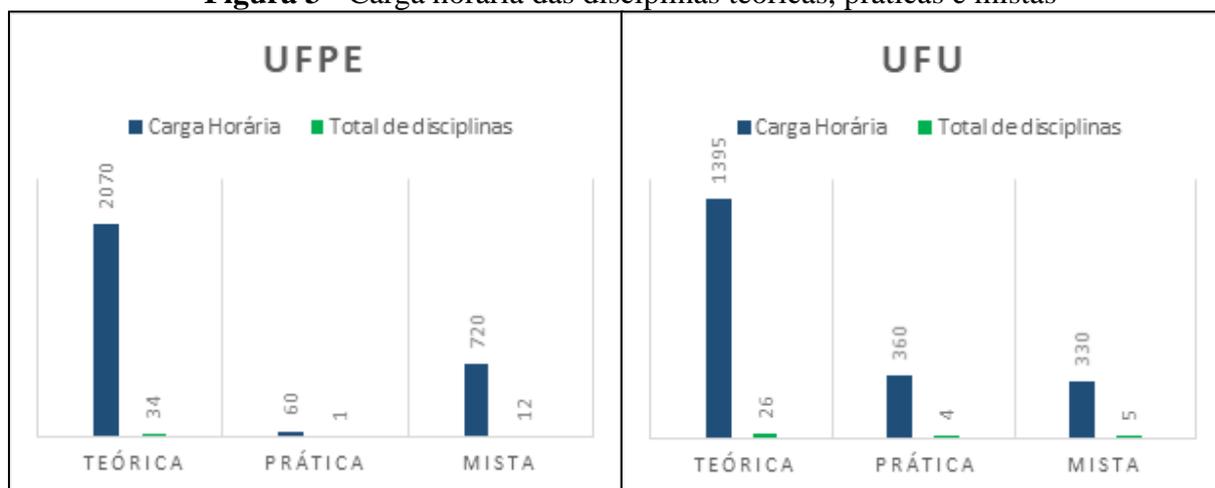


Fonte: Cordeiro e Cassino (2018, p. 212).

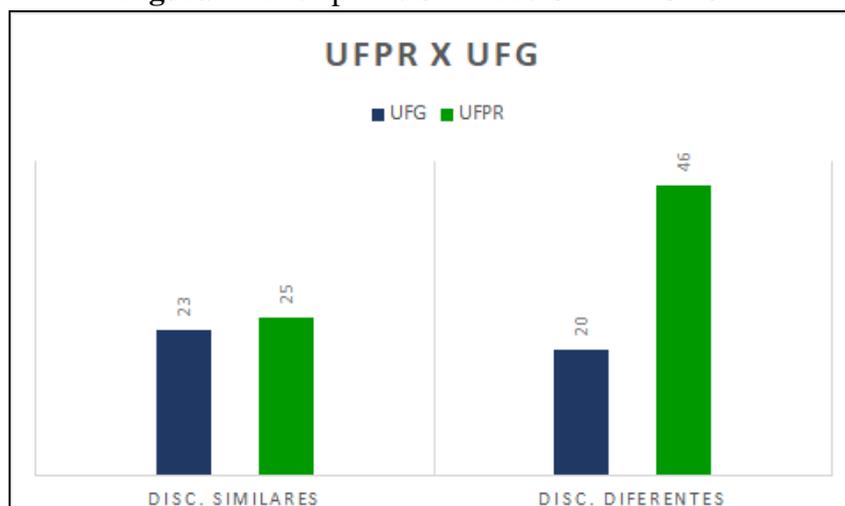
Ainda sobre o tema, Cordeiro e Cassino (2018) apresentam porcentagens importantes

sobre as áreas de conhecimento predominantes nos cursos de GI, identificando que a UFPE, a UFG, UFPR e a UFU apresentam respectivamente 68%, 55%, 40% e 0% de disciplinas em Ciência da Informação, esse dado mostra que a área é e deve ser a mais fundamental base para os cursos. Contudo, o curso oferecido na UFPE tem predominância da área da Ciência da Informação, enquanto a UFU não apresenta nenhuma disciplina da área em questão em sua estrutura curricular. Além disso, os dois são os que menos apresentam carga-horária teórica, conforme figura abaixo:

Figura 3 - Carga horária das disciplinas teóricas, práticas e mistas



Não é identificável o motivo dessa lacuna em seu PPC, o que nos leva a acreditar ser uma característica regional do curso da UFU por ter sua sede na Faculdade de Gestão e Negócios (FAGEN), mesmo que na UFMG exista um Curso de Biblioteconomia, a mesma difere-se das outras três IFES que tiveram suas origens em departamentos de Biblioteconomia ou Ciência da Informação. O curso da UFPE, é um exemplo dessas três com origem em Biblioteconomia, contendo 7 disciplinas obrigatórias em Ciência da Computação e apenas 2 em Administração. É notório perceber que o PPC em questão não é atualizado desde que foi criado em 2008, e que atualmente (2019) está em processo de reformulação curricular, com previsão para vigorar em 2020 ou 2021.

Figura 4 - Disciplinas Similares UFPR x UFG

Os cursos da UFPR e UFG definem suas estruturas curriculares de forma bastante idênticas. Ambas apresentam uma média de 24 similaridades disciplinares tanto no que diz respeito a ementas quanto a bibliografias básicas e complementares; segundo Cordeiro e Cassino (2018), a UFPR e a UFG apresentam respectivamente 9 (21%) e 8 (27%) disciplinas em Ciência da Computação, já em Administração 5 (12%) e 6 (20%); a despeito de carga horária teórica, prática e mista, respectivamente a primeira tem 28, 7 e 16, já a segunda tem 15, 2 e 17 disciplinas. Com isso, é possível identificar que os dois cursos se apresentam como os mais dinâmicos entre os 5 cursos de GI no Brasil, e exibem similaridades disciplinares em 3 grandes áreas do conhecimento e que possuem uma carga horária baseada na teoria e na prática.

É relevante mencionar que o curso de Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina, também é levado em consideração nesta análise, pois apesar de ser um curso de premissa teórica na área de CI, o mesmo apresenta similaridades não só com o curso da UFPE que tem a maioria das disciplinas relacionadas à área, mas também com os cursos das outras IFES analisadas, apresentando disciplinas na área da Administração, como Empreendedorismo I e Administração I, tanto quanto na área Tecnológica, como Lógica Instrumental I e Estatística Aplicada I.

Nesse contexto, não só a Gestão da Informação é um campo dinâmico e versátil como também a própria área da Ciência da Informação, pois encontra em sua relação com a Tecnologia da Informação não só a importância ferramental, mas a essência do seu próprio dinamismo (FERREIRA *et al.*, 2012), permitindo ao curso de GI dinamismo no uso da informação em meio digital, a exemplo os repositórios e as base de dados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futuro será tecnológico. Há centenas de estudos científicos que corroboram a afirmativa. Quando tudo e todos estiverem conectados, produzindo dados a um nível ainda inimaginável, novos desafios informacionais surgirão, fazendo com que a Gestão da Informação que conhecemos hoje não seja a mesma. No entanto, não cabe dúvidas de que é ela quem deve preparar os profissionais que lidarão com esses dados e gerarão informações úteis às organizações.

Em meio às inúmeras transformações tecnológicas, o profissional da nova geração deve ser maleável, criativo, crítico, inovador, comunicativo, que possua autoconhecimento e proatividade. Igualmente, recai sobre as universidades a responsabilidade de formar esses profissionais, para isso devem acompanhar essas transformações e estudar constantemente o mercado, de modo a disponibilizar maior flexibilização, dinamicidade e principalmente, interdisciplinaridade ao curso de Gestão da Informação com outras áreas do conhecimento.

Diante do exposto, o artigo teve como objetivos compreender os perfis profissionais e curricular dos cursos de graduação em Gestão da Informação das Instituições Federais de Ensino Superior, e identificar as similaridades e diferenças disciplinares dos Projetos Pedagógicos de tais instituições. Os dados analisados permitiu concluir que não só há uma predominância de disciplinas de Ciência da Informação na UFPE, UFPR e UFG, mas também a inexistência de tais disciplinas na UFU. Do mesmo modo como há uma quantidade muito pequena de disciplinas de administração na UFPE, algo que as difere do dinamismo necessário para a área do conhecimento na qual estão inseridas. Essa característica marcante é dita em todos os PPC's e precisa ser levado em consideração.

O estudo contribui para suscitar a construção de uma Base Curricular Nacional (BCN) de Gestão da Informação, e que até o momento (2019) não apresenta uma. Não para engessar as matrizes curriculares, mas para conciliar habilidades e competências necessárias ao Gestor da Informação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, H. L. **Política Pública de Parques Tecnológicos no Brasil**: Um modelo para avaliação de Programa. Brasília. 2016. 71f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento) - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, Brasília: [s.n.], 2016. Disponível em: <http://www.mestrado-profissional.gov.br/sites/images/mestrado/turma2/hideraldo-luiz-de-almeida.pdf>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

AMORIM, D. F. B. **Por que Inovar é Preciso?** Negócios e Carreira – Portal de Conteúdo para Empresas e Gestores. 2016. Disponível em: <http://negociosecarreiras.com.br/por-que-inovar-e-preciso/>. Acesso em: 03 de ago. 2019.

AMORIM, M. C. S.; FREDERICO, R. Criatividade, inovação e controle nas organizações. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 42, n. 1 e 2, p. 75-89, maio 2008. ISSN 2178-4582.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO** – 3ª ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/classificacao-brasileira-de-ocupacoes-mec_36715.html. Acesso em: 10 de ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 4, de 13 de julho de 2005**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces004_05.pdf. Acesso em: 10 de ago. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior**. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 de ago. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em: 24 de ago. 2019.

BRASSCOM. **SOBRAM TECNOLOGIA** – CRESCIMENTO DO SETOR ACELERA. Postado por: Alana Araújo. 09 de maio de 2019. Disponível em: <https://brasscom.org.br/sobram-vagas-em-tecnologia-crecimento-do-setor-acelera/>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

BRASSCOM. **Relatório Setorial de TIC 2019**. Inteligência e Informação. BRI2-2020-006-01. São Paulo. Abril de 2019, v.34 Disponível em: <https://brasscom.org.br/relatorio-setorial-de-tic-2019/>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

BRASSCOM. **Santa Catarina tem pelo menos 700 vagas em tecnologia**. César Rosati. Florianópolis-SC. 02 de julho de 2019. Disponível em: <https://brasscom.org.br/santa-catarina-tem-pelo-menos-700-vagas-em-tecnologia/>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

BRASSCOM. **Em um país com desemprego de 13%, sobram vagas na área de tecnologia**. César Rosati. Florianópolis-SC. 02 de julho de 2019. Disponível em: <https://brasscom.org.br/santa-catarina-tem-pelo-menos-700-vagas-em-tecnologia/>. Acesso em: 10 ago. 2019.

BRÍGIDA, F. B. S. *et al.* No mundo do Letramento Digital, os professores da Alfabetização: uma análise da Escola de Ensino Fundamental Profª. Emiliana Sarmiento Ferreira. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 8., 2014, São Paulo. **Anais ...** São Paulo, 2014. Disponível em: http://abciber.org.br/simposio2014/anais/GTs/fabricio_borges_santa_brigida_167.pdf. Acesso

em: 03 de ago. 2019.

CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Ed.). **A sociedade em rede em Portugal: do conhecimento à acção política: conferência promovida pelo Presidente da República: 4 e 5 de março de 2005**, Centro cultural de Belém. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

CATANI, A. M.; OLIVEIRA, J. F.; DOURADO, L. F. Política educacional, mudanças no mundo do trabalho e reforma curricular dos cursos de graduação no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 22, n. 75, p. 67-83, ago. 2001.

CELI, R. Vale do Silício: o que é, onde fica e mais! **Stoodi**. 28 de jan. 2019. Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/2019/01/28/vale-do-silicio/>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

CEZAR, R. **O Profissional de Gestão da Informação**. Blog Passos da Gestão. 2010. Disponível em: <https://passosdagestao.blogspot.com/>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

CORDEIRO, D. F.; CASSIANO, K. K. Um Panorama do Ensino Superior em Gestão da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.23, n.4, p.205-220, out./dez. 2018.

DAVENPORT, T. H. **Ecologia da Informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. Tradução: Bernadete Siqueira Abrão. São Paulo: Futura, 1998. 316p.

FELL, A. F. A.; ALCOFORADO, E. S.; VOCHT, M. C. **Gestão do Conhecimento Organizacional: Uma Análise Crítico-Introdutória**. XII SIMPEP – Bauru, SP, Brasil. 7 a 9 de novembro de 2005.

FELL, A. F. A.; ALCOFORADO, E. S.; VOCHT, M. C. Gestão do conhecimento organizacional: uma análise crítico-introdutória. *In*: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DA PRODUÇÃO, 7., 2005, Bauru. **Anais ...** Bauru, 2005.

FERREIRA, A. F. *et al.* Os pilares da Gestão da Informação: os fundamentos da Ciência da Informação, Administração e Tecnologia no curso de Gestão da Informação da UFPE. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, 2014.

FIRJAN. **INDÚSTRIA 4.0**: Internet das Coisas. Junho de 2016. **CADERNOS SENAI DE INOVAÇÃO**. Disponível em: <https://www.firjan.com.br/publicacoes/publicacoes-de-inovacao/industria-4-0.htm>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GOIÁS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Gestão da Informação**. 2013. 82p. Disponível em: http://www.gi.fic.ufg.br/portal/wp-content/uploads/sites/35/2016/08/PPC_GI.pdf. Acesso em: 24 de ago. 2019.

GONÇALVES, P. C. **As origens das práticas de gestão da informação**: dos primeiros modos de produção à sociedade da informação. Belo Horizonte. 2011. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação,

Belo Horizonte. Disponível em:

http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-98BUVW/monografia_origens_pr_ticas_gi_paulo_de_castro.pdf?sequence=1. Acesso em: 11 de ago. 2019.

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE. **Empresas do SergipeTec têm acesso ao Programa de Empreendedorismo da IBM**. 02. de Fev. 2018. Disponível em:

<https://www.se.gov.br/noticias/desenvolvimento/empresas-do-sergipetec-tem-acesso-ao-programa-de-empreendedorismo-da-ibm>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola: São Paulo, Brasil, 1992. 329 p.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores IBGE - Pesquisa Mensal de Serviços - PMS**. Junho 2019. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/servicos/9229-pesquisa-mensal-de-servicos.html?=&t=downloads>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

IBRAGIMOVA, A. R. M. A. *et al.* Relações Disciplinares da Ciência da Informação no Âmbito da Gestão da Informação. *In: ENCONTRO SOBRE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO*, 8., 2018, Recife. **Anais ...** Recife: Editora Néctar, 2018. p. 221-231. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1WQTT6UhgGXQM5eNxIeLljuCTfEIwtzG7/view>. Acesso em: 04 de ago. 2019.

MCKINSEY GLOBAL INSTITUTE. **O futuro do mercado de trabalho: impacto em empregos, habilidades e salários**. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/featured-insights/future-of-work/jobs-lost-jobs-gained-what-the-future-of-work-will-mean-for-jobs-skills-and-wages/pt-br>.

Acesso em: 10 de ago. 2019.

MINAS GERAIS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Projeto Pedagógico do Curso de Gestão da Informação**. Uberlândia, Revisado em 2013. 54p. Disponível em:

http://www.fagen.ufu.br/sites/fagen.ufu.br/files/filefield_paths/projeto_pedagogico_revisado_final_2013.pdf. Acesso em: 11 de ago. 2019.

PARANÁ. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Projeto Pedagógico**. 2013.

Disponível em: <http://www.sociaisaplicadas.ufpr.br/portal/decigi/graduacao-2/projeto-pedagogico/>. Acesso em: 11 de ago. 2019.

PAROLIN, S. R. H.; ALBUQUERQUE, L. G. **A criatividade, a inovação e a competência dos gestores**: suas relações com o comprometimento organizacional. *In: ENCONTRO DA ANPAD – ENANPAD*, 28., 2004, Curitiba. **Anais ...** Curitiba, 2004. Disponível em:

<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2004-cor-0566.pdf>. Acesso em: 11 de ago. 2019.

PERNAMBUCO. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Gestão da Informação**. 2012. Disponível em:

https://www.ufpe.br/documents/39179/0/pcc_proplan_julho2012_finalrevisado.pdf/7b8a8622-cad0-4f4a-8fb8-6cf60c43eaa4. Acesso em: 24 de ago. 2019.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 24, n. 1, apr. 1995.

PORTO DIGITAL. **Porto Digital Parque Tecnológico: Quer Trabalhar no Porto Digital? Faça seu Cadastro.** Peterson Mayrinck. Junho de 2019. Disponível em: <https://www.portodigital.org/119/37924-quer-trabalhar-no-porto-digital-faca-seu-cadastro>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

REINSEL, D.; GANTZ, J. **The Digital Universe in 2020: Big Data, Bigger Digital Shadows, and Biggest Growth in The Far East – United States.** IDC Country Brief. 2013. Disponível em: <https://www.emc.com/collateral/analyst-reports/idc-digital-universe-united-states.pdf>. Acesso em: 04 de ago. 2019.

REINSEL, D.; GANTZ, J.; RYDNING, J. **Data Age 2025: The Digitization of the World From Edge to Core.** Framingham, MA, USA: IDC White Paper, 2018. Disponível em: <https://www.seagate.com/files/www-content/our-story/trends/files/idc-seagate-dataage-whitepaper.pdf>. Acesso em: 11 de ago. 2019.

REVISTA EXAME. **Recife é o Vale do Silício Brasileiro.** Por Luiza Belloni, do HuffPost Brasil. Publicado em 25 jul. 2015. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/recife-o-vale-do-silicio-brasileiro/>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

SANTA CATARINA. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Projeto Pedagógico do Curso Bacharelado em Ciência da Informação.** 2019. 40p. Disponível em: http://cinfo.paginas.ufsc.br/files/2019/04/PPC_CI_2015-ATUALIZADO-em-02MAI19.pdf. Acesso em: 24 de ago. 2019.

SILVA, A. A. **O Capitalismo Tardio e sua Crise: estudo das interpretações de Ernest Mandel e Jürgen Habermas.** Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2012. 157p. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279454>. Acesso em: 13 de ago. 2019.

SIQUEIRA, H. S. G. A Globalização sob a Ótica da Acumulação Flexível. **Revista Sociais e Humanas**, [S.l.], v. 22, p. 27-40, dez. 2009.